



USP

Em greve, sindicalistas fecham portões da Esalq

Após 35 dias de paralisação, professores e funcionários deixam apenas uma das entradas da universidade aberta para fluxo de carros; pedestre tem trânsito livre

A greve dos professores e funcionários da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Paulista (Unesp) e Universidade de Campinas (Unicamp) chega hoje ao 36º dia. Em Piracicaba, a ação dos grevistas começa a causar problemas às pessoas que frequentam o campus da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). Na manhã de ontem, membros do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) fecharam as entradas da Esalq, proibindo a passagem de veículos e houve

princípio de tumulto. "A cada dia uma das entradas da universidade estará aberta, as outras vamos fechar. É uma forma de protesto já que a reitoria não abre diálogo para negociar com o sindicato", disse Ony Rodrigues de Campos, diretor do Sintusp em Piracicaba.

De acordo com o sindicalista, "os funcionários em greve, lutam por uma universidade pública, gratuita e de qualidade e também estão contra a atitude do Conselho de Reitores da USP (Cruesp) de propor data base de zero por cento de reajuste salarial, quando a nossa luta

é de 9,78 %, ou seja, 6,78 referente à inflação do período e mais 3 % referente às perdas salariais dos últimos anos", disparou Ony.

Hoje, representantes dos funcionários e professores das três universidades farão manifestação frente a reitoria da Unesp em São Paulo. "Vamos lá para cobrar a reabertura das negociações com as categorias e por fim a paralisação. À tarde iremos em comitiva até a Assembleia Legislativa onde estará sendo discutido a Lei de Diretrizes Orçamentárias do Estado para o ano que vem. Queremos fazer pressão para que

o valor seja suficiente para garantir os reajustes que os professores e funcionários lutam", informou Ony ao lembrar que um ônibus sairá da frente da Esalq para ingressar a manifestação na Capital Paulista.

SÃO PAULO - Recentemente, os grevistas fizeram ato público na Praça da Sé para mostrar à população os motivos da greve iniciada em 27 de abril. A mobilização teve também o objetivo de mostrar a situação da educação e da saúde no estado de São Paulo. Na oportunidade, o diretor-presidente do Sintusp, Magno de Carvalho,

destacou que "a política da reitoria das universidades públicas no estado de São Paulo é pelo arrocho salarial". Carvalho disse que eles constituem a única categoria de trabalhadores brasileiros que não estão recebendo nenhum aumento. "Está havendo um corte para a verba do ensino para pesquisa de 30% e suspensão da contratação de professores e funcionários por tempo indeterminado", disse ele ao enfatizar que os trabalhadores das três universidades pedem 9,78%, mais 3% de reposição salarial de perdas acumuladas ao longo de anos.